

James Long

Ferney

Tradução
Carlos Pereira

 Planeta



Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 1998, James Long
© 2010, Planeta Manuscrito

Título original: *Ferney*

Revisão: Eulália Pyrrait

Paginação: Lúgia Pinto

1.ª edição: Maio de 2011

Depósito legal n.º 328 357/11

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-657-166-5

www.planeta.pt

Para Annie, com amor

Agradecimentos

Penselwood é uma aldeia real e forneceu, por via de um acidente geográfico, o pano de fundo para os principais acontecimentos históricos descritos neste livro. É um lugar extraordinário e tem desempenhado um papel bastante desproporcionado em relação à sua dimensão ou importância presente. Durante os vinte anos que este livro levou a fazer tenho-me interrogado muitas vezes acerca disso. Gostaria de agradecer àquelas pessoas que, com muito pouca persuasão, me aceitaram e me contaram partes da história da sua aldeia.

Jock Baker e Michael Shiel escreveram um excelente folheto sobre a história local que preencheu muitas das falhas. O pessoal do Somerset County Archive guiou-me através de ficheiros poeirentos até à verdadeira história da descoberta do tambor de Monmouth e muito mais. Li muitos livros durante o curso das investigações para este, infelizmente demasiados para enumerar, mas gostaria de referenciar um a que recorri com frequência, o excelente *Man and the Natural World* de Keith Thomas. A soberba gama de livros da Dovecote Press acerca da história e arqueologia do Somerset foi também muitíssimo útil.

Gostaria de agradecer em especial a três pessoas pelo grande apoio que me deram: Nick Sayens, Caradoc King e Nick Evans.

Capítulo 1

Não era um acidente. À distância piscava um ponto vermelho. Juntou-se-lhe um segundo e um terceiro, e depois a estrada adiante era uma fileira de contas vermelhas. Quase demasiado tarde, o carro travou com brusquidão e parou. Gally, que tinha estado perdida nos seus pensamentos, olhou para o homem com quem casara.

– O que se passa? – perguntou ela.

A cabeça dele estivera nos seminários da semana seguinte.

Alguém se despistou, pensou ele. Via um camião, à frente do restante tráfego, atravessado na estrada de uma forma esquisita, mas havia escavadoras e cones de trânsito e homens com coletes reflectores; uma justificação plausível para adiar aquela explicação por mais um ou dois minutos.

– Trabalhos na estrada? – sugeriu ele.

Ela não disse nada, mas olhou com atenção para diante e ele pôde ouvi-la a respirar de um modo mais profundo. No pouco tempo que tinham de casados, Gally tinha sido o orgulho e a alegria de Mike e, cada vez mais, uma fonte de crescente preocupação. Ele habituara-se à suave claustrofobia dela, a qual, num dia mau, podia forçá-los a interromper uma viagem de carro a cada quarenta quilómetros, mas o que estava agora a começar a acontecer dava todos os sinais de ser bastante pior.

Gally era um poema ao qual faltava uma linha, uma sinfonia com uma frase dissonante. Mike ficava fascinado pelas suas reacções peculiares aos acontecimentos do dia-a-dia. Começava a habituar-se aos pesadelos

dela, ou pelo menos começava a reconhecer a violenta e devastadora comoção que irrompia à sua volta duas ou três vezes por semana. De longe mais difícil era a sorrateira ausência que invadia a vida dela por vezes dias seguidos, uma maré lenta que transformava em pântano todos os cantos habitualmente despreocupados do seu ser. Ele queria ajudá-la a suportar estas tempestades pessoais. Ele queria a Gally sorridente, mas sabia muito bem que nada do que tinham dito, nenhuma parte de qualquer conversa, penetrara um centímetro que fosse devido aos demónios ocultos que ela enfrentava.

A respiração dela estava agora mais audível.

– Achas que alguém se despistou? – perguntou ela.

– Trabalhos na estrada – repetiu ele. – Acho que são só trabalhos na estrada – tentando fazer com que fosse verdade. Um facto desconfortável veio à superfície na sua mente. Era a segunda vez hoje que ela mostrava sinais de pânico e ele compreendia agora que era no mesmo lugar. Eles tinham passado por estes trabalhos na estrada em sentido contrário e não houvera nenhum engarrafamento súbito, nenhuma luzes de travões a gerar o medo dessa vez. Ela tivera medo da mesma forma, agarrando-se aos joelhos e respirando da mesma maneira pesada até se encontrarem bem mais adiante.

Um homem com um capacete de segurança e um casaco comprido avançou em direcção a eles ao longo da coluna de carros com uma pá sobre o ombro. Gally baixou o vidro da janela.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou ela.

O homem tinha olhos pequenos e zangados e parecia apostado em passar pelo carro até se aperceber de Gally. Pousou a pá no chão e apoiou-se na pega.

– Oh, sim – disse ele. – Aconteceu pois. Um estúpido qualquer atravessou-se à frente daquele camião, já viu isto?

– Ficou... ferido?

O homem encolheu os ombros.

– Está alguém a tomar conta dele. O idiota devia ter morrido.
– Uma voz gritou vinda de algures atrás deles e o homem, carregando o sobrolho, ergueu de novo a pá. – Estou a ir, não estou? – gritou ele em resposta.

Gally virou-se para Mike.

– É *mesmo* um acidente.

– Mas o homem ficou bem.

– Ele não disse isso. – A voz dela tremia no limite do controlo.

– Podemos seguir?

Havia talvez vinte carros à frente deles, engarrafados num funil. Ele olhou para a carrinha encostada à sua traseira através do espelho.

– Não há espaço.

Ela gemeu e isso despedaçou-lhe o coração.

– Está bem, Gally, aguenta um pouco.

Trinta metros mais à frente, havia uma estrada rural que se abria do lado esquerdo. Ele virou o volante e levou o carro para a berma relvada, vislumbrando a sobressaltada face do passageiro do carro da frente ao passarem por ele. O tubo de escape raspou numa pedra e ele olhou com desconforto para a frente, interrogando-se sobre que mais estaria oculto na relva alta. Uma tabuleta, apontando na direcção da estrada, dizia PENSELWOOD.

A disposição de Gally mudou com brusquidão assim que deixaram a estrada principal para trás. Enquanto seguiam pela estrada rural, ela baixou o vidro e cheirou o ar apreciativa.

– Isto é melhor – disse ela. – Muito melhor. Obrigada.

– És capaz de dar aí uma vista de olhos ao mapa? – perguntou ele.

– Está no porta-luvas. Precisamos de encontrar maneira de voltar à estrada principal.

– Vamos andando. Eu gostava de ver Penselwood. – Gally demorou-se a dizer o nome. – Nunca se sabe. Pode ser aqui o sítio.

– Pensei que querias ter tempo para parar em Stonehenge – disse ele.

– O dia já vai longo. Não vamos ter tempo para as duas coisas.

Gally era infeliz nas cidades, e nos três meses desde que perdera o bebé a busca por um chalé dera uma bem-vinda distração. A Mike dificilmente lhe importava se encontravam ou não a casa certa. Nem sequer sabia se a queria. O processo de procura era suficiente. Era uma busca que eles conduziam de diferentes maneiras. Mike fazia tudo de modo ordenado. Telefonava a agentes imobiliários, via os jornais locais, lia com cuidado os pormenores e fazia uma lista organizada das casas

possíveis, enumerando os prós e os contras. Gally despentear-lhe-ia distraída o cabelo enquanto ele lhe mostrava as fotografias. Sorrir-lhe-ia enquanto faziam a ronda pelas casas, depois, de súbito, as narinas abertas como um cão de caça, saía da estrada, entrava no jardim de alguém, batia à porta, perguntando a pessoas estranhas se queriam vender. Mike achava isso embaraçante, mas suportava-o por causa dela. Por causa dela, a maior parte das pessoas aturaria a maior parte das coisas.

Gally tinha o poder de iluminar os que se encontravam à sua volta com uma energia transformante, mas esse poder eclipsava-se com demasiada frequência. Não havia qualquer malícia nos seus problemas. Eram uma dor que infligia apenas a si própria. Perturbava-se com as viagens, mas ficava sempre inquieta, procurando novos lugares que pareciam nunca lhe dar o que buscava; havia uma dor profunda no seu íntimo. A mãe, uma mulher idosa e amarga com quem as suas relações eram descontraídas, evitava sempre as perguntas de Mike, nas raras ocasiões em que chegavam a falar.

– Foi a morte do pai – dissera a mãe de Gally, uma vez e uma única vez apenas. – É uma coisa para esquecer.

A mulher olhara-o com olhos neutros e selados que demonstravam a profundidade da sua negação e que prometiam fúria extrema se ele se atrevesse a pressionar mais. Aquilo enchia-o com o medo de que a mágoa pudesse um dia reclamar Gally.

A primeira vez que tinham ido juntos para a cama, ela detivera-o com uma mão no peito. Ele pensou que ela tinha reconsiderado, mas ela limitou-se a dizer:

– Tenho pesadelos. Não debes dar importância.

Vendo-a pela primeira vez em perfeita nudez, as palavras dela tinham passado por ele até ser despertado em choque às primeiras horas da manhã pela figura agitada e aos gritos a seu lado.

Ela soluçara algo que soava como «o homem queimado» enquanto ele a abraçava e a tentava acalmar, mas ela acabou por voltar ao sono e de manhã ficara tão embaraçada que ele não fizera mais perguntas.

Se esse era o lado mau, o lado bom era tão bom que, quando a mente dele voltava ao mundo particular do pensamento intelectual organizado ao qual

ela com frequência o arrancava, o fazia sentir seco, banal e apenas meio real. Ela era ilógica, imprevisível e sobrecarregada de intuição, mas as pessoas em seu redor pareciam ficar mais brilhantes quando ela se aproximava.

Ele fez recuar o pensamento até ao momento em que dois anos antes primeiro reparara nela; apenas dois anos; uma monção que terminara com a seca dele, um homem que receava ter perdido os seus melhores anos, descobrindo depois que lhe fora oferecido o mais inesperado dos presentes. Eram ambos altos, mas onde ele fora afectado, pernas rígidas em incerto conflito com o chão, ela fluíra enquanto percorria as ruas de Londres ao encontro do seminário dele, o cabelo cor de avelã-escuro num movimento líquido em redor de uma face aberta e sorridente. A maior parte dos estudantes chegava como sempre em pequenos nós, transbordando de conversas ligeiras até ao momento em que ele os podia compelir ao silêncio e desdobrar uma espessa camada de história medieval, como isolamento acústico, através do teatro do seminário. Os poucos que viviam apenas no mundo cerebral entravam por si próprios, deslocando-se com rapidez, com olhos postos em baixo, para os seus lugares isolados, onde praticariam minuciosos rituais com as canetas, impacientes por que ele comesse.

Ela também entrou só, não furtiva mas com total segurança, olhando em redor para todas as pessoas, que lhe eram estranhas, com um ar aberto e interessado que dizia que sabia exactamente quem era e por que escolhera estar ali. Ele estava bastante seguro de que ela nunca viera antes, porque teria decerto reparado nisso. Embora fosse a própria razão de ser da sua vida profissional, algo se rebelava ainda nele contra dar conferências, transformando a sua voz na conduta de destruição através da qual as suas notas perfeitas eram retalhadas e distorcidas aos ouvidos amadores e imperfeitos. *Muito interessante*, pensara ele no momento. *Muito, muito interessante*. Mas depois ela teve de passar para segundo lugar e ceder à tensão de prestar atenção ao que queria dizer.

No final, de uma forma perfeita, ela escolhera aproximar-se dele e abalara-lhe as crenças. «Hierarquias e ordem social: as evidências do Domesday Book» tinha sido o tema da conferência. Ela ficara ali próxima, aguardando a sua vez, enquanto uma mão-cheia de estudantes, mais desejosos de causar impressão do que em ganhar conhecimento,

avançava com ideias mal alinhavadas e passava ao lado das respostas dele. Depois de todos se terem retirado, ela falou por fim.

– Importa-se que lhe diga que as pessoas não são bem assim? – inquirira ela.

– O quê?

– Foi muito bom. Eu gostei, mas acho que estava a descrever listas e não pessoas.

Ele franzira o sobrolho e desejara logo que tivesse sido um sorriso.

– Temos de depender das nossas fontes. O Domesday é o melhor registo que poderíamos esperar...

– Não, eu sei, e gostei mesmo de ouvir, mas acho que é um erro fazê-lo soar como se as pessoas se erguessem das suas páginas, todas em colunas organizadas. É como alguém daqui a mil anos a tentar descrever-nos como somos agora, quando a única coisa que tem para nos avaliar é um horário dos comboios.

A surpresa dele perante esta desacostumada temeridade manteve-se acorrentada pelo fascínio de fitar aqueles enormes olhos dela. Tentou defender a sua posição.

– Esse é um assunto muito vasto. Tem de se lembrar de que a sociedade era muito mais rígida naquela altura. Não havia espaço para muitas divergências.

Ela limitou-se a sorrir e abanou a cabeça, dizendo com total certeza:

– As pessoas não mudam. Há-as de todos os géneros agora e sempre as houve.

– As pessoas não tinham muito espaço de manobra cultural para afirmarem diferenças. Pelo menos até perto do século xv.

– Como sabe que as coisas mudaram nessa altura?

– Temos materiais; as cartas Paston e correspondência a partir daí.

– Ah! São as cartas, não são? Isso é que mudou. As evidências, não as pessoas.

– Eu nunca a tinha visto. Estuda aqui?

Ela levava a mão à boca num súbito alarme.

– Oh, não, espero que não se importe. Por vezes eu entro nas conferências quando vou a passar. Adoro história, está a ver. Isso não me é permitido?

Ele não queria saber se era ou não permitido; só queria saber que aquilo removia a barreira ética a convidá-la para almoçar com ele, e desde então que vinha a aquecer-se à chama dela. Nunca houvera quaisquer dúvidas da parte dele. Uma fotografia poderia não a tornar bonita em corte transversal instantâneo, mas a vida demonstrava que ela era adorável, sempre em movimento, sorrindo com frequência, exaltando a felicidade e o interesse generoso, deixando atrás de si um caloroso rasto de sorrisos devolvidos por todos aqueles para quem ela voltara aquela face iluminante. Quando o seu imprevisível negrume a dominava, ela combatia para o conservar para si própria ou, falhando, buscar um canto para o ocultar.

Mike interrogava-se quase constantemente acerca do que ela via nele. Nenhum deles possuía qualquer reconhecimento consciente de que existia um leve eco da face dela na dele. O espaçamento dos olhos dele, a geometria dos malares eram tais que se a idade a tornasse descarnada, então daqui a trinta ou quarenta anos ela talvez viesse a parecer-se um pouco com o que ele era agora. Isso e algo no cheiro deles foi o suficiente para a faísca química. A história fez o resto. Ele respondeu à apaixonada necessidade que ela tinha de discutir o que vira antes, compreendia-o e conseguia atizar o lume com factos. A história era um calmante para ela, de facto, por vezes, a única maneira de a acalmar quando era atingida por aquela inesperada e terrível tristeza. Na sua cama de hospital depois do aborto, ela quisera que ele lhe contasse velhas histórias de reis e rainhas.

A oferta da Universidade de Georgetown andava no ar há três ou quatro meses, mas ele não dissera uma única palavra até saber que era uma oferta firme. Washington parecia oferecer um novo começo. Ele tentou preparar o caminho, mudando o tema dos seus contos para a história americana, mas essas histórias falharam em despertar-lhe o interesse. Quando ele lhe disse de chofre que lhe tinha sido oferecido o emprego como professor com que ele sempre sonhara, ela tentou disfarçar, tentou fingir que não havia nada de que ela mais gostasse do que ir com ele para a América, mas os pesadelos quadruplicaram e a ansiedade dela durante as horas em que estava acordada era tão terrível de ver que, no fim, ele perguntou-lhe se

a ideia da mudança a assustava. Após um longo silêncio ela disse-lhe que sim, assustava-a.

Ele recusou o emprego por ela sem dizer mais nada, mas uma voz pequena, amarga e irreprimível continuava a dizer-lhe que acabara de desistir da melhor oportunidade que alguma vez seria oferecida à sua carreira. Foi um golpe muito, muito duro, mas ele tentou não acrescentar ao sofrimento dela deixando que ela o visse, tentou não se importar quando se tornou claro, à medida que ela recuperava, que mudança era o que ela queria, desde que não fosse para se afastar de Inglaterra. Ele não compreendia o sentido disso, mas colaborou porque nunca esperara que lhe fosse oferecido o deleite do amor e isto era estar mais próximo desse deleite do que as esperanças dele lhe poderiam alguma vez ter permitido, apesar do preço que tinha de pagar.

Portanto, quando a recuperação física dela o possibilitou, tinham iniciado uma demanda na qual ele se sentia maioritariamente um passageiro. Iam sempre para oeste. Ele tentou mostrar-lhe a costa do Suffolk mas ela limitou-se à polidez. Reuniu uma caixa de mapas da Ordnance Surveys cobrindo a totalidade do Wiltshire, Dorset e Somerset. Ele ofereceu-lhe Devon, mas este situava-se para lá do alcance da paixão dela. Ela não queria apenas uma casa; queria uma história. As aldeias que visitaram em busca do porto de abrigo de que ela necessitava foram julgadas pelos seus papéis na história, e por hábito descobriam que deixavam a desejar. Só serviam chalés antigos, e os que mais interessavam eram aqueles em que os proprietários podiam contar uma ou duas histórias acerca do seu passado.

Chegaram a um entroncamento.

– Acho que devíamos ir para casa – disse Mike. – Vamos levar uma eternidade a regressar a Londres. – Ele estava a pensar no trabalho que tinha para fazer, organizar as suas notas para a conferência sobre as primeiras ligações comerciais marítimas.

– Só mais esta, prometo. Penselwood fica já ali, diz a tabuleta. Quero ver Penselwood. Este é muito mais o género de lugar adequado.

Tão próximo da estrada que te causou dor, admirou-se ele. Talvez não tivesse sido a estrada, talvez tivesse sido a disposição ocasional dos cones ou a cor da escavadora.

– Se me tens dito isso antes, não teríamos perdido o dia todo de volta de Castle Cary – queixou-se ele. Depois ocorreu-lhe algo. – Penselwood? Tenho a certeza de que conheço este nome.

– Terá sido uma batalha?

– Talvez.

Ela sorriu com felicidade, sabendo que ganhara quando ele virou o carro para a estreita estrada.

Fizeram uma excursão lenta pelas casas dispersas sem nunca terem ficado com a certeza de terem encontrado o centro da aldeia. Havia uma tabuleta a dizer «Para Venda», mas o minúsculo chalé por detrás tinha falsas lanternas de coche e vidros falsos nos caixilhos de plástico das janelas e eles nem sequer pararam. Por fim, deram a volta e regressaram ao ponto onde a estrada se bifurcava.

– Não há nada ali – disse Mike, aliviado por ela não ter decidido bater a nenhuma porta.

– Tenta deste lado – disse ela, apontando para a outra estrada da bifurcação. – Seja como for, é provável que também vá dar à estrada principal.

Ele não via razão nenhuma para supor que isto fosse verdade, mas fez como ela pediu, e tinham andado apenas um pouco ao longo da estrada estreita e sinuosa quando ela disse:

– Pára um pouco.

– Para quê?

– Quero ir ver.

Ele não discutiu porque via que ela regressara; aquela Gally alegre que sempre acabava por sair das suas nuvens.

De outro ponto qualquer que não aquele podiam não ter reparado, ou assim supôs Mike na altura, mas assim que Gally saiu do carro apontou para a silhueta coberta de hera de uma chaminé a espreitar por detrás das árvores.

– Há ali uma casa – exclamou ela deliciada. – Mesmo onde eu queria que houvesse.

– Uma casa? – perguntou ele enquanto saía do carro para se lhe juntar. – Onde?

Do lado norte, para lá de uma cortina de árvores dispersas, as pastagens estendiam-se pela encosta da colina. O terreno a sul da estrada

descia gradualmente até aos terrenos agrícolas planos que se alargavam até Gillingham e à distante escarpa de Shaftesbury. Um trio de faias na berma da estrada quase escondia a casa, o entrever de uma água-furtada a mostrar os ângulos rectos intrusivos do homem àqueles que olhassem com atenção suficiente. Ela encontrava-se já no portão, uma coisa apodrecida e musgosa segura por arames dobrados e cordel. Havia uma pequena clareira a seguir, talvez outrora o pátio de uma quinta, e ele seguiu-a por aí, sentindo-se um intruso e invejando o à-vontade dela.

Não era muito mais do que uma concha, e já agora uma concha verde de aspecto húmido, embora continuasse a ter um telhado. Comprida e baixa, as linhas sobrepostas de alvenaria falavam das mudanças ao longo de anos atarefados. A linha do telhado fazia uma vénia em direcção ao extremo mais distante. Lintéis de pedra encimavam caixilhos de janelas sem vidros repletos de hera, e a meio da casa sobressaía um alpendre de madeira entrelaçada em mau estado, ajoelhado sob o peso da trepadeira que se amontoara sobre ele. A porta era uma prancha de contraplacado manchado, segura no lugar por outra prancha em diagonal que intentava encerramento e abandono. Havia trepadeiras, arbustos e árvores jovens por todo o lado; a equipa de demolição da natureza a demolir centímetro a centímetro as articulações de alvenaria do trabalho temporário do homem. No outro lado da clareira, os pinheiros irrompiam através da profunda vegetação rasteira que cobria a parte mais baixa da colina. Para lá da casa, por entre os arbustos, encontravam-se ângulos de paredes, cotos enterrados de velhas choupanas de pedra e uma cabana de chapa de zinco a desmoronar-se.

Gally rodou sobre si própria devagar com os braços abertos pelo lado direito e depois abraçou-se a si mesma e desatou aos pulos.

– É perfeito – disse ela. – É isto mesmo.

Mike sentiu um arrepio de frio que principiara no seu livro de cheques.

– Está em ruínas.

– Isso só quer dizer que ninguém teve possibilidades de o estragar.

– Vai custar uma fortuna a arranjar.

– Como sabes?

– Não está para venda.

– Bem, não podes ter razão das duas maneiras. Se não está para venda, não vai custar uma fortuna.

Ele sorriu, virou-se e esgueirou-se por entre os arbustos e a parede traseira. O lado mais distante da casa encontrava-se coberto de estuque estalado. O terreno descia até um pequeno vale, asfixiado pelos cadáveres esponjosos das árvores caídas, fundidas sob uma mortalha de musgo. Gally ultrapassou-o e pôs-se de joelhos sobre as folhas bolorentas e as silvas, mergulhando os dedos na densa vegetação apodrecida.

– Olha – disse ela. Uma linha de flores que ele não reconheceu abria caminho para eles. Na frente deles, uma fila de telhas curvas limitava o que fora outrora um canteiro de flores.

– Isto já foi amado uma vez. Pensa em como ficaria se limpássemos o vale. Podíamos plantar narcisos até lá abaixo. – Gally pôs-se de pé. – Anda – disse ela, agarrando-lhe a mão e puxando-o. – Vamos ver o interior.

A prancha de contraplacado colocada onde outrora se encontrava a porta não era um obstáculo. Estava pregada a uma ombreira apodrecida que se desfez quando ela puxou a prancha.

– Espera aí – disse ele. – Não sei se devíamos...

– Não faz mal. – Ela soava excitada. – Ninguém se vai importar.

Pareceu-lhe de súbito a ele que entrar seria uma boa ideia. A desolação que iriam encontrar persuadi-la-ia de que este não era o confortável porto de abrigo campestre que ela desejava e pelo qual tinham demandado nos últimos fins-de-semana. Esse pensamento dominou-lhe os escrúpulos acerca da intrusão, mas uma vez dentro de portas em breve descobriu que a casa não se encontrava do seu lado nesta questão. Sob a vegetação, o telhado estava ainda bom. Ainda se sentia que era uma casa. Ela deteve-se à frente dele, pareceu estar prestes a falar, mas depois prosseguiu. Encontravam-se numa passagem que corria a extensão do edifício, cheia de hera verde à meia luz. Abriam-se quatro grandes salas em linha a partir da passagem. Havia lajes de pedra no chão das primeiras três, cobertas por uma variedade de artigos domésticos em fase de apodrecimento; telhas, revistas amareladas e uma caldeira avariada, vermelha da ferrugem. Por debaixo de cada janela havia um arco de humidade nas pedras, muito bem definido, parecendo dizer: «Alto, não vás mais longe.» Tirando isso, encontrava-se seca; danificada pelos intrusos, não pelo tempo.

O estuque pendia das paredes em longas fitas poeirentas e tinham sido abertos buracos nos tectos de modo que as ripas lascadas do sobrado se encontravam penduradas, rodeando as extremidades dos buracos como se fossem ferimentos da saída de uma bala.

– Oh, que pena – disse ele. – Já está mais para lá do que para cá, não está?
A voz dela continha uma suave admiração.

– Pobrezinha. Tem sido tão corajosa. Ela só precisa de um pouco de amor. – Gally afastou-se dele. – Está tudo bem – disse ela. – Nós agora estamos aqui.

Dirigiram-se para a última sala e ele ouviu-a dar um gemido pequeno e triste. A casa sofrera ali o seu ferimento mortal. A parede mais distante estava empenada, rachada e esfarelada, as madeiras do telhado a afundarem-se no vazio, perdendo o apoio à medida que a empena se inclinava para o exterior. Aqui não havia lajes, apenas soalho de pranchas de madeira com a sua força quase desaparecida e bolor branco a espalhar-se nos intervalos. Uma das pranchas tinha sido arrancada. Havia um fogão de ferro fundido na parede do fundo e os degraus no canto mais próximo desciam para a escuridão de uma cave. Gally deslocou-se nessa direcção e as tábuas do soalho rangeram e estalaram debaixo dela. Antes de alcançar o primeiro degrau, o pé atingiu um pedaço de estuque caído nas tábuas e aquele saiu disparado para o buraco, mas em vez do eventual baque ouviu-se um esparrinhar imediato. Mike ajoelhou-se e espreitou. Quinze centímetros abaixo do nível do chão, a água negra cintilava, taciturna e desconcertante. Os degraus para a cave desapareciam na água. Fragmentos de madeira seca e apodrecida das tábuas caíam sobre a água enquanto espreitava e ele viu-os deslocarem-se com deliberada velocidade para fora do seu campo de visão por debaixo das pranchas do soalho.

– É um ribeiro – disse ele horrorizado. – É água corrente. – Mike pôs-se de pé e recuou, ouviu uma passada nas tábuas atrás de si e soube de imediato, com um ímpeto de medo e vergonha, que, onde tinham estado dois, estavam agora três.

Mike virou-se e deu consigo cara a cara com um velho, que o fitava com sombria e interrogativa suspeição. Dois olhos claros assestados nos seus, desafiando a sua presença com desconcertante autoridade.